



Alberto da Veiga Guignard,
Paisagem de Ouro Preto, 1950,
óleo sobre tela, 61,5 x 100 x 0,5 cm,
doação de Assis Chateaubriand, 1951,
Acervo Museu de Arte de São Paulo - Masp.
Foto: João Musa

OPINIÃO

VILA RICA, GUIGNARD E NÓS

CARLOS PERKTOLD - ABCA/MINAS GERAIS

RESUMO: É imperativo que todo brasileiro de bom gosto e com um verniz cultural conheça a Vila Rica dos inconfidentes e de Guignard. Foi a propósito desse pintor que resolvi visitar outra vez a cidade em mês de inverno úmido e uma cor indefinível e linda estampada nos casarões a cobrir de alegria qualquer ser sensível. Lá pelas “cinco de la tarde” o sol “bate” nas montanhas que a rodeiam e, agindo como se fosse um rebatedor fotográfico, cobre a cidade com uma luz suave que deixará o leitor apaixonado como ela fez com o velho artista.

PALAVRAS-CHAVE: Alberto da Veiga Guignard, Ouro Preto, Vila Rica, Museu Casa Guignard

ABSTRACT: It is essential that every Brazilian with good taste and cultural veneration knows the Vila Rica of the inconfidentes and Guignard. It was because of this painter that I decided to visit the city again in a humid winter month and with an indefinable and beautiful color printed on the mansions, filling any sensitive being with joy. Around “five o'clock” the sun “hits” the mountains that surround it and, acting as if it were a photographic security guard, covers the city with a soft light that will leave the reader in love as it did with the ancient artist.

KEYWORDS: Alberto da Veiga Guignard, Ouro Preto, Vila Rica, Guignard House Museum.

O leitor que não conhece Ouro Preto deveria ir imediatamente. Não precisa correr: a velha cidade não vai acabar, nem será alterada na sua arquitetura, mas é imperativo que todo brasileiro de bom gosto e com um verniz cultural conheça a Vila Rica dos inconfidentes e de Guignard.

Foi a propósito desse pintor que resolvi visitar outra vez a cidade em mês de inverno úmido e uma cor indefinível e linda estampada nos casarões a cobrir de alegria qualquer ser sensível. Lá pelas “cinco de la tarde” o sol “bate” nas montanhas que a rodeiam e, agindo como se fosse um rebatedor fotográfico, cobre a cidade com uma luz suave que deixará o leitor apaixonado como ela fez com o velho artista. A cidade está banhada de luz como se fosse a estrela em um palco com um foco sobre ela, igual a uma atriz consagrada de uma peça teatral que começa no século 18 e segue até nossos dias com público a aplaudi-la indefinidamente. As ruas são tortuosas e cheias de casas antigas a confirmar que o bravo homem do

O Museu Casa Guignard (MCG) foi inaugurado em 1986 em Ouro Preto
Fonte: Wikipedia



século 18 sabia que procurava ouro e, ao deixá-la para nós como hoje se encontra, fez dela um presépio no qual faltam apenas a Sagrada Família e os Reis Magos.

Pois foi nesse ambiente luminoso que decidi fazer uma visita ao túmulo de Alberto da Veiga Guignard, no cemitério junto da igreja que fica logo ali na praça. Subi as escadas, encontrei o portão encostado, mas aberto, e entrei. Procurei pelas sepulturas com um nome estrangeiro que mostrasse que ali se encontra sepultado o corpo do velho mestre dos óleos sobre madeira, mas não o encontrei. Há muitos nomes portugueses de tradicionais famílias de Ouro Preto e de Minas, famílias que habitam o local há quase três séculos, sempre a andar pelas encostas e trilhas a comprovar que são pessoas de pernas firmes no chão de Minas Gerais.

Voltei-me então para uma grande sepultura e nela encontrei o nome do pintor que tanto amo. Ah, se eu o tivesse conhecido em vida. O tanto que ele não teria sofrido,

nem é bom pensar. Fico a imaginar o que impedia meus conterrâneos de compreender e de se apaixonarem pela pintura de alguém tão bom, implorando para ser reconhecido com a compra de um quadro, então muito barato.

“Compre, é muito bonito”, dizia ele. Não é bonito, Guignard. É lindo.



Alberto da Veiga Guignard (Nova Friburgo, RJ, 1896 - Belo Horizonte, MG, 1962). Pintor, professor, desenhista e gravador, destacou-se em vários gêneros da pintura

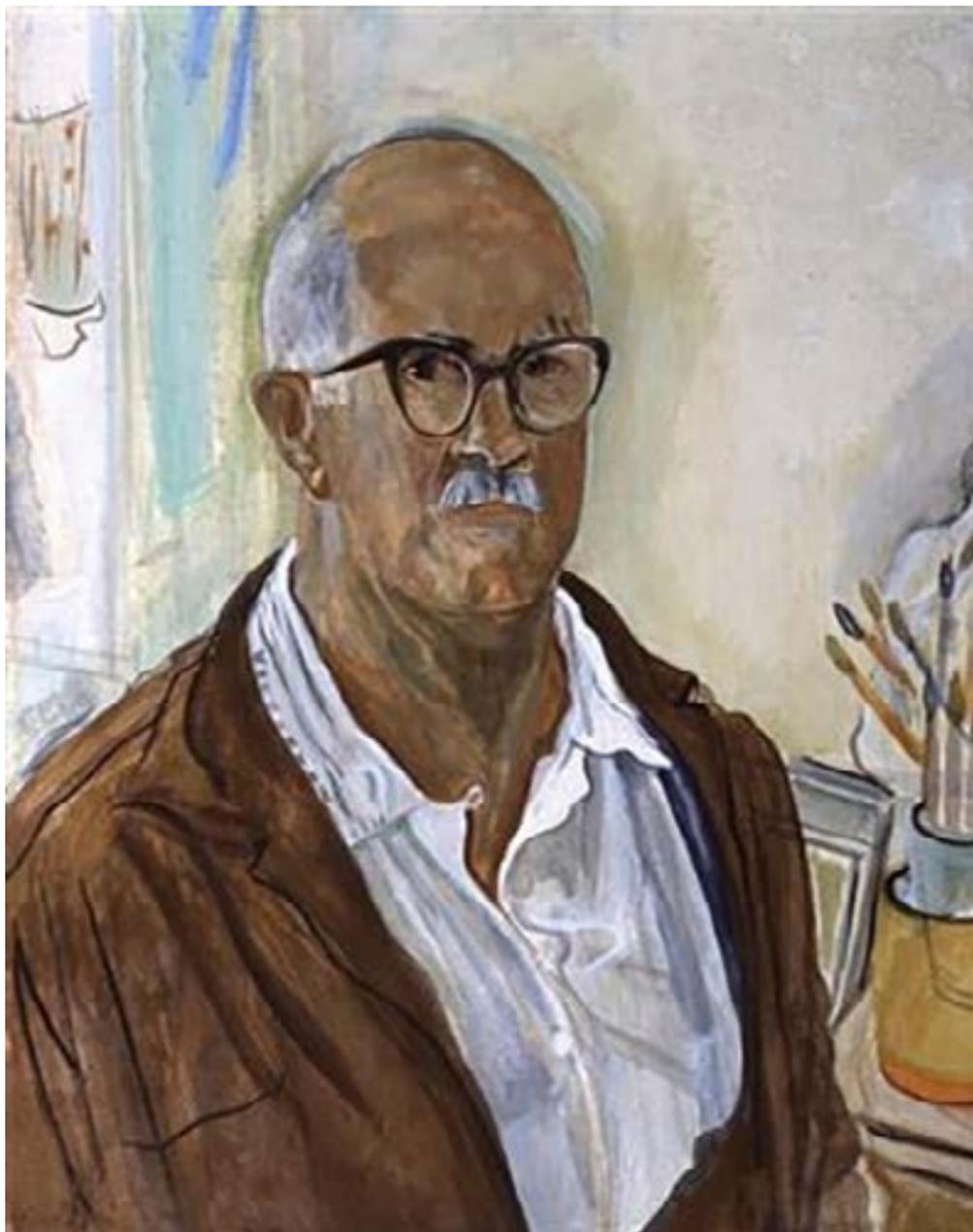
Certificamo-nos hoje, muito antes dos cem anos que você imaginou necessários para seu reconhecimento.

Fiquei ali em frente da sepultura do velho mestre, rezando, pedindo a Deus que o conserve no mais privilegiado lugar do céu, junto a Leonardo, Cézanne, Monet, Botticelli que ele tanto amava, recebendo e dando aulas da história da arte e dos artistas que se imortalizaram neste Planeta Azul.

Lá pelas “cinco de la tarde” esperei algum tempo para ver se aparecia alguém para me acompanhar nas rezas e pedidos, mas não apareceu ninguém. Resolvi então que era hora de sair, deixando o velho mestre sozinho novamente. Dirigi-me então ao portão e, surpresa! Encontrei-o trancado. Olhei para o grande cadeado que o protegia de novos visitantes e me dei conta de que eu estava preso no cemitério, junto a várias sepulturas incluindo a do mestre. Antes de trancá-lo, o administrador local não verificou se havia algum visitante, tão raros eles são, e trancou-me. E agora, o

que será de mim? Passarei a noite com os amigos fantasmas do século 18? Guignard aparecerá e pintará meu retrato como sempre imaginei? Sentei-me na beirada de uma sepultura vizinha à dele, a pensar como sair dali sem precisar saltar o muro como se fosse alguém que, saindo do caixão, se recusasse a ser sepultado. Por certo, eu assustaria a cidade inteira e ainda criaria uma nova lenda urbana na velha cidade.

Passados vários minutos, alguém veio visitar a sepultura de um parente e se deu conta do fechamento do lugar e da certeza de me ver em dificuldade. Conhecedor do gerente local, teve a gentileza de ir à sua casa e me libertar, não sem antes se certificar de que eu estava vivíssimo. Ele tem razão. Com Ouro Preto e Guignard, todo cuidado é pouco e os acontecimentos são imprevisíveis.



Autorretrato,
Alberto da
Veiga Guignard.
Acervo: Museu
de Arte
Contemporânea
da Universidade
de São Paulo

CARLOS PERKTOLD

Integra a ABCA, AICA e o IHGMG. Graduado em Direito e Psicologia, exerce a psicanálise em Belo Horizonte. É especialista em História da Cultura Geral e da Arte pela UFMG. Integra o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Foi agraciado com a Medalha da Inconfidência, Medalha de Honra da Inconfidência e Medalha Santos Dumont pelo governo de Minas e com a Medalha João Pinheiro pelo IHGMG. É autor de Ensaios de pintura e de psicanálise (2002), Caixa de Ferramentas (2003), A Cultura da Confiança ou a História do Crédito no Brasil (2008).